

Semiótica social na construção da realidade mediática: análise da representação dos açorianos

Maria Leonor Bicudo

(Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho)

(marialeonorbicudo@gmail.com)

Orcid: 0000-0001-6709-2526

Maria Leonor Bicudo: Doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho, com Bolsa de Investigação para Doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) – com projeto sobre as notícias dos Açores na televisão em Portugal. Mestre em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa e licenciada em Jornalismo e Comunicação com *Minor* em Turismo, Território e Patrimónios pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi correspondente da SIC nos Açores e jornalista no *Diário da Lagoa*. Estagiou na redação de Lisboa da SIC, na Açores TSF e no jornal Açoriano Oriental.

Submissão: 07/07/2023

Aceitação: 27/11/2023

Semiótica social na construção da realidade mediática: análise da representação dos açorianos

Resumo: Em março de 2022 teve início nos Açores uma crise sismovulcânica que assolou a ilha de São Jorge. Mesmo perante abalos diários e a iminência de uma erupção vulcânica, muitos açorianos decidiram não abandonar a ilha. Assim, o objetivo deste estudo prende-se com interpretar a representação dos açorianos nos *media* no contexto de uma crise sismovulcânica. Para tal, recorreu-se, primeiramente, à análise crítica da literatura no âmbito dos critérios de noticiabilidade (Galtung & Ruge, 1965; Harcup & O'Neill, 2017; Traquina, 2002; Wolf, 1987), que determinam o valor que um acontecimento tem para se tornar notícia, e, em seguida, à análise multimodal (Jewitt & Henriksen, 2016; Kress, 2011) de uma reportagem televisiva, com o intuito de compreender os sentidos e intenções com que os diferentes modos semióticos produzem uma determinada representação sobre esta comunidade.

Palavras-chave: Açores, crise sismovulcânica, multimodalidade, representação, valores-notícia.

Social semiotics in the construction of *media* reality: analysis of the representation of Azoreans

Abstract: In March 2022, a seismovolcanic crisis began in the Azores and devastated the island of São Jorge. Despite the daily earthquakes and the imminence of a volcanic eruption, many Azoreans decided not to leave the island. Thus, the purpose of this study is to interpret how Azoreans are represented in the context of a seismovolcanic crisis. To do so, the methods used were, firstly, the critical analysis of the literature in the scope of the criteria of notifiability (Galtung & Ruge, 1965; Harcup & O'Neill, 2017; Traquina, 2002; Wolf, 1987), which determine the value that an event has to become news, and, then, the multimodal analysis (Jewitt & Henriksen, 2016; Kress, 2011) of a television report, in order to understand the meanings and intentions with which the different semiotic modes produce a certain representation about this community.

Keywords: Azores, seismovolcanic crisis, multimodality, representation, news-values.

Introdução

Para homenagear Mário Mesquita, o professor que a tantas gerações ensinou Jornalismo e Comunicação, e celebrar as duas décadas da sua obra *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*, que constitui uma referência que continua a ser lida e citada até hoje, demonstrando a sua atualidade e relevância, apresenta-se um estudo que reflete o modo como os Açores, de onde Mário Mesquita é natural, e os açorianos são representados através da análise de uma reportagem do *Telejornal* de Serviço Público, já que, como o próprio admite, “não é possível aos jornalistas «objetivar» a realidade, conseguindo apenas «representá-la»” (Mesquita, 2004, p. 212). O presente trabalho pretende, pois, investigar como é então representada a realidade.

Os Açores são geralmente noticiados em caso de tragédia ou de ocorrências extremas, muitas vezes associadas à natureza – uma condição de marginalidade e vulnerabilidade enraizada na abordagem mediática, que em raras ocasiões dá visibilidade às ilhas por outros motivos. No entanto, há que ter em atenção que, tendo em conta o campo de liberdade e de decisão própria de que o jornalista dispõe, consoante o meio, a empresa e a cultura profissional, para criar o seu trabalho (Mesquita, 2004, pp. 47-48), as notícias são uma construção da realidade, “moldam e refletem a noção de senso comum dominante do que é significativo (...), e, portanto, também contribuem para o processo contínuo de construção de uma ideologia dominante por meio da qual percebemos a nossa realidade” (Bignell, 1997, p. 115). Assim sendo, importa perceber de que forma a “realidade” é uma construção dessa mesma realidade, sendo objetivo deste estudo compreender os sentidos e intenções com que os diferentes modos produzem uma determinada representação sobre os açorianos através do exercício descritivo de análise de uma reportagem específica. Ou seja, assumindo que as reportagens televisivas “não se limitam a transcrever ou a reproduzir a realidade circundante”, porque constituem atos comunicacionais “suscetíveis de produzirem efeitos independentemente da sua correspondência com o «real»” (Mesquita, 2004, p. 114), há que apurar que efeitos são produzidos pelo objeto de análise.

Com o intuito de analisar a representação dos açorianos nos *media*, começou-se por procurar um tema sobre o arquipélago que tenha marcado recentemente a agenda mediática de forma consistente. Deste modo, selecionou-se como objeto de estudo a crise sismovulcânica que ocorreu na ilha de São Jorge a partir de 19 de março de 2022, sendo este um dos únicos assuntos referentes aos Açores que recentemente mereceram cobertura noticiosa durante semanas consecutivas. Para uma análise multimodal de discurso,

imagem e som, optou-se por uma reportagem televisiva – género jornalístico caracterizado por, diferentemente da pequena peça, focar “um tema de grande relevância” e exigir grande trabalho e investigação de exterior (Oliveira, 2007, p. 11), e cujo “repórter é forçado a seleccionar, a partir de uma perspectiva, os pontos importantes do assunto” (Ganz, 1995, p. 12), pretendendo-se que seja transmitido tão cedo quanto possível. A reportagem contribui, sobretudo, para chamar a atenção do público para uma questão e aumentar o seu conhecimento sobre o acontecimento (Jespers, 1998, p. 166).

Foi, então, escolhida uma reportagem da RTP, uma vez que esta, enquanto operador de serviço público de *media*, tem o dever¹ de cobrir os principais acontecimentos de âmbito regional, nomeadamente este em estudo. Visionando as reportagens sobre a crise sismovulcânica – que culminou em mais de 57 mil sismos², dos quais cerca de 350 foram sentidos pela população –, procurou-se uma das primeiras que focassem os sentimentos, decisões e rotinas dos residentes em detrimento de outras dedicadas sobretudo a atualizações científicas do acontecimento, com a intenção de proceder a uma análise social com mais conteúdo.

Selecionou-se, assim, uma reportagem³ publicada uma semana após o início da crise sísmica, quando o nível de alerta já era de ameaça de erupção vulcânica, e centrada nos testemunhos da população que preferiu permanecer na ilha de São Jorge, de modo a analisar como os açorianos são representados num contexto de crise sismovulcânica. Segundo a definição de Mário Mesquita (2004, p. 29), a reportagem selecionada corresponde a um acontecimento mediático, uma vez que suscitou uma “excecional atenção dos *media*, exercendo certa hegemonia nos espaços destinados à informação”. Também conforme a descrição de reportagem de Jespers (1998, p. 167), esta que serve de objeto de análise consiste num conjunto de imagens que mostram as consequências do acontecimento e entrevistas a testemunhas e a peritos, comportando duas dimensões: “uma dimensão empática que visa a ligação entre o espetador e o assunto e/ou as

¹ De acordo com o ponto 5 da cláusula 9.^a do Contrato de Concessão de Serviço Público de Rádio e de Televisão, disponível em <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf>.

² Dados disponibilizados pelo Centro de Informação e Vigilância Sismovulcânica dos Açores (CIVISA) em <http://www.ivar.azores.gov.pt/sjorge/Paginas/ponto-situacao.aspx>.

³ Reportagem disponível em https://www.rtp.pt/noticias/pais/crise-sismica-nos-aco-es-em-velas-muitos-dormem-fora-de-casa_v1394651.

personagens (...) e uma dimensão de revelação, esclarecimento, de contextualização deste mesmo assunto”.

Tendo em consideração as diferentes temáticas abordadas n’*O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*, que continuam a manifestar-se na relação que se estabelece entre o jornalismo e a sociedade, e no sentido de problematizar e discutir questões para as quais Mário Mesquita deu um contributo, a presente análise incide sobre uma transversalidade de temas, concentrando-se não só nas representações do jornalismo e nos acontecimentos mediáticos, como também nos critérios de seleção na era da instantaneidade e na subjetividade com que se constrói e interpreta a cobertura da reportagem à luz da semiótica social.

Deste modo, adotou-se uma abordagem teórica que incide na definição e identificação dos valores-notícia que determinam a noticiabilidade deste acontecimento alvo de cobertura jornalística em particular, segundo as tipologias de Galtung e Ruge (1965), Wolf (1987), Traquina (2002) e Harcup e O’Neill (2017), enquanto a estratégia metodológica passa por uma análise multimodal (Jewitt & Henriksen, 2016; Kress, 2011) da reportagem televisiva, o que implica a análise do texto, som e imagem, a fim de interpretar os sentidos que diferentes modos produzem sobre a comunidade açoriana neste contexto.

1. Os critérios que definem a noticiabilidade da crise sismovulcânica nos Açores

É precisamente n’*O quarto equívoco* que Mário Mesquita (2004, p. 39) reflete sobre o facto de os acontecimentos jornalísticos, como este escolhido sobre os Açores, se enquadrarem em “critérios de seleção”, quer dos jornalistas, quer das empresas mediáticas. De acordo com o autor, “o acontecimento jornalístico constrói-se, normalmente, de acordo com critérios de seleção editorial que, na perspetiva da teoria do jornalismo, se designam por «valores-notícia»” (Mesquita, 2004, p. 29). Assim, através do recurso a critérios de noticiabilidade responsáveis por selecionar as ocorrências que definem a agenda jornalística – o conjunto de valores-notícias –, os *media* ditam que acontecimentos têm direito a existência pública (Traquina, 2000, pp. 25-26).

Analisando os critérios de noticiabilidade apresentados por Galtung e Ruge (1965), Wolf (1987), Traquina (2002) e Harcup e O’Neill (2017), é possível constatar que um dos

principais motivos que levaram a crise sismovulcânica a ser noticiada foi o facto de esta consistir numa ocorrência extrema, com potencial impacto, que envolveu um elevado número de pessoas – o que equivale ao valor-notícia de “amplitude” na tipologia de Galtung e Ruge (1965), ao valor-notícia de “quantidade de pessoas envolvidas” na de Wolf (1987), aos valores-notícia de “notabilidade” e de “amplificação” na de Traquina (2002) e ao valor-notícia de “magnitude” na de Harcup e O’Neill (2017).

Atendendo ao facto de que se trata de uma reportagem sobre os Açores, uma região que faz parte do país, outro critério determinante para a sua noticiabilidade foi o da proximidade geográfica e cultural que o evento tem para a audiência, suscitando o seu interesse e tornando-se prioritário em relação a notícias externas, o que remete para o valor de “significância” (Galtung & Ruge, 1965), de “impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional” (Wolf, 1987), de “relevância e proximidade” (Traquina, 2002) e de “relevância” (Harcup & O’Neill, 2017). Como evidencia Mário Mesquita (2004, pp. 200-201), a proximidade é determinante no noticiário televisivo, pois este é um valor que “condiciona fortemente o interesse dos públicos”, uma vez que na era global existem fenómenos de intensificação de identidades nacionais e regionais.

Tendo também em conta que uma das características dos valores-notícia é a complementaridade, na medida em que quanto mais qualidades uma história apresenta, mais provável se torna esta ser incluída no produto noticioso (Hall *et al.*, 1993, p. 225; Golding & Elliott, 1996, p. 633), outro fator que influenciou a seleção deste acontecimento como reportagem foi a sua conotação com teor particularmente negativo, enquanto tragédia, o que corresponde ao valor-notícia de “negatividade” para Galtung e Ruge (1965) e de “más notícias” para Harcup e O’Neill (2017). No mesmo sentido, também têm peso neste evento o valor-notícia de “imprevisibilidade” (Galtung & Ruge, 1965), de “inesperado” (Traquina, 2002) ou de “surpresa” (Harcup & O’Neill, 2017). Uma vez que a reportagem em análise surge no seguimento de tantas outras que foram dando conta do ponto da situação, o critério de acompanhamento tornou também este episódio digno de tratamento jornalístico, de acordo com os valores-notícia de “continuidade” (Galtung & Ruge, 1965), de “relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação” (Wolf, 1987) e de “acompanhamento” (Harcup & O’Neill, 2017).

Considerando que um dos deveres do serviço público de *media* é “assegurar a cobertura editorial, devidamente contextualizada, dos principais acontecimentos de âmbito (...)

regional, de acordo com critérios jornalísticos exigentes” (RTP, 2015, p. 15), verifica-se que são os valores-notícia de magnitude, negatividade, imprevisibilidade, proximidade e acompanhamento que neste caso tornam os Açores, e mais especificamente a ilha de São Jorge, merecedores de cobertura noticiosa no *Telejornal*. Importa agora compreender como os recursos semióticos são utilizados para produzir e interpretar a reportagem, debruçando-se a seguinte análise sobre as ações observáveis e os seus sentidos.

2. Metodologia

A estratégia metodológica adotada passa pela análise multimodal do discurso, que consiste num processo de análise e discussão da forma como diferentes modos semióticos são utilizados num artefacto e produzem sentido (Jewitt & Henriksen, 2016, p. 150).

Atendendo a que o género em estudo é a reportagem televisiva, serão analisados o texto, a imagem e o som, uma vez que a análise isolada de cada um “fornecerá apenas uma parte do significado” da situação investigada (Kress, 2011, p. 37). Reconhecer esta parcialidade implica que todos os modos de um conjunto multimodal sejam tratados como contributo para o retrato completo do significado (Jewitt & Henriksen, 2016, p. 150; Kress, 2011, p. 38). Por conseguinte, serão analisados os modos conjuntamente usados para representar os açorianos, enquanto grupo social, num momento específico.

Far-se-á, então, precisamente o que Van Leeuwen (2005) descreve no prefácio da sua obra *Introducing social semiotics*: construir explicações dos vários modos semióticos integrados, através da sua comparação e contraste, explorando o que eles têm em comum e como eles diferem. Esta tarefa permitirá também perceber o trabalho de seleção da jornalista que elaborou a reportagem, nomeadamente que aspetos foram enfatizados ou ignorados (Kress, 2011, p. 45).

Para tal foi construída uma grelha de análise adaptada ao objeto, composta por categorias de análise de texto, com base nos elementos das práticas sociais e nos tipos de transformações identificados por Van Leeuwen (2005, pp. 106-111); de análise de imagem, com base nas definições de enquadramento apontadas por Aumont (2009, pp. 100-101), Aumont e Marie (2009, pp. 91-92) e Oliveira (2007, pp. 13-15); e de análise de som, com base nas descrições de fontes sonoras indicadas por Gardies (2008, pp. 50-58).

- As variáveis incluídas na categoria de análise de texto são repartidas em elementos das práticas sociais, pois, como Mário Mesquita (2004, p. 111) relata, as narrativas mediáticas constroem-se à volta de acontecimentos e representação de personagens existentes no real. Os elementos das práticas sociais a analisar são: “participantes” (pessoas envolvidas na prática social), “ações” (atividades que os participantes praticam), “condições de elegibilidade” (qualificação que os participantes têm para serem elegíveis para desempenhar um papel na prática social), “estilos de apresentação” (modo como os participantes se apresentam), “temporalidade” (tempo e ordem em que a ação é narrada) e “localização” (espaço onde a ação tem lugar); e tipos de transformações: “substituições” (substituição de elementos da prática social, nomeadamente através do recurso à particularização e à nomeação) e “repetições” (repetição do mesmo elemento um determinado número de vezes).
- As variáveis incluídas na categoria de análise de imagem dizem respeito ao enquadramento que resulta da distância entre a câmara e o objeto filmado, podendo este ser um “plano geral” (plano de descrição de todos os elementos de uma cena ou ambiente), “plano inteiro” (plano de corpo inteiro que retrata uma ou várias pessoas em toda a sua dimensão) ou “plano próximo” (plano aproximado de uma pessoa cortada pela linha do peito).
- Quanto às variáveis incluídas na categoria de análise de som, importa identificar quais são as “fontes sonoras” presentes e ausentes na reportagem e o seu propósito.

É através dessa grelha que se vai analisar e interpretar a produção de recursos semióticos utilizados na reportagem, a fim de dar resposta à pergunta “Como são representados os açorianos num contexto de crise sismovulcânica numa reportagem do *Telejornal*?”.

Grelha 1 – Análise Multimodal

Categorias		Variáveis
Discurso	Elementos das práticas sociais	Participantes
		Ações
		Condições de elegibilidade

		Estilos de apresentação
		Temporalidade
		Localização
	Tipos de transformação	Substituições
		Repetições
Imagem	Enquadramento	Planos
Som	Fonte sonora	Presença/ausência

Fonte: elaboração própria, adaptada a partir de Aumont (2009), Aumont e Marie (2009), Gardies (2008), Oliveira (2007) e Van Leeuwen (2005).

3. Análise e discussão dos dados

De modo a alcançar uma explicação abrangente da construção das representações sobre os açorianos nesta situação específica, procurou-se compreender a forma como os diferentes modos transformam a “realidade” numa construção dessa mesma realidade, que efeitos produzem e com que intenção.

Considerando que todas as leituras são legítimas e válidas e que o que faz a diferença é o conhecimento e as experiências dos diversos participantes do processo de construção da realidade, apresenta-se a seguinte análise.

- No que concerne aos elementos das práticas sociais presentes no discurso, são oito os **participantes** a quem foi cedida voz na reportagem: quatro produtores agrícolas (duas mulheres e dois homens), o presidente do Centro de Informação e Vigilância Sismovulcânica dos Açores (CIVISA), outro habitante da ilha, um aluno da escola das Velas e o presidente do Governo Regional dos Açores.

Contrariamente ao que é regra acontecer, a maioria dos entrevistados não foi identificada: somente o presidente do CIVISA e o do Governo Regional são apresentados tanto pela jornalista como nos oráculos, enquanto outros quatro entrevistados são apenas nomeados

no discurso da jornalista e os restantes dois não são identificados de todo. Numa reportagem televisiva, quando os entrevistados falam, surge uma caixa de texto, na linguagem jornalística denominada oráculo, com a sua identificação, nomeadamente o nome e a função ou a condição em que intervêm. Todavia, nesta reportagem, apenas o discurso do presidente do Centro de Informação e Vigilância Sismovulcânica dos Açores e o do presidente do Governo Regional dos Açores foram acompanhados de oráculo, porque se consegue deduzir quem são os restantes intervenientes.

Assim, a reportagem começa com a jornalista a apresentar Leodete e Ana, “produtoras agrícolas (...) especialistas na ordenha”. Ou seja, neste caso, o oráculo seria redundante, uma vez que a informação já tinha sido avançada oralmente pela jornalista.

O terceiro entrevistado é um homem apresentado apenas pelo nome. Sem mais informação, assume-se que seja também um produtor agrícola, uma vez que fala sobre “não poder abandonar a sua exploração”. Nos Açores, “exploração” utiliza-se como termo encurtado para referir a exploração agrícola, isto é, a atividade agropecuária de produção agrícola e de criação de gado.

Já o entrevistado seguinte foi apresentado como “presidente do CIVISA”, além de a imagem contemplar o oráculo com o respetivo nome e função. No entanto, crê-se que utilizar o acrónimo em detrimento da denominação completa da entidade – Centro de Informação e Vigilância Sismovulcânica dos Açores – é limitativo para o público nacional que assiste à reportagem e que não tem conhecimento sobre os organismos que existem nos Açores. A escrita televisiva tanto deve ser curta como clara, mas preferir o uso do acrónimo para encurtar a reportagem torna-se contraproducente porque a mensagem perde clareza, uma vez que este não é conhecido por todos os espetadores.

Depois, surge um novo entrevistado sem apresentação por parte da jornalista ou por meio do oráculo. Com um discurso pouco elucidativo sobre a sua identificação, só se consegue presumir que também seja um produtor agrícola através da imagem, pois os planos mostram um terreno com vacas, galinhas e patos, onde o indivíduo lhes dá de comer.

O sexto participante é outro residente da ilha que, apesar de também não ser acompanhado de identificação, desta vez nem o discurso da jornalista, nem o do entrevistado, nem as imagens sugerem que se dedique ao trabalho rural. Apenas se pode constatar que é um habitante porque no seu testemunho sobre o sino da localidade utilizado como alerta se

expressa na primeira pessoa do plural quando se refere à população: “[quando o sino toca] sabemos que é para juntar ali”.

A seguir, a repórter segue para outra situação, a da suspensão das aulas da escola das Velas, particularizando o caso de Isac, que “só regressa quando for obrigatório”. A partir do discurso do entrevistado, que com uma voz infantil revela não ir à escola e ficar com a mãe, compreende-se que se trata de um aluno, não restando dúvidas com a articulação da imagem, que mostra uma criança.

O último interveniente é o presidente do Governo Regional dos Açores, que, embora seja um dos únicos entrevistados identificados no oráculo, é também previamente apresentado pela jornalista com nome e cargo.

Neste sentido, sente-se que há, de certa forma, uma sobrevalorização destas duas personalidades com reconhecidos cargos de importância no que ao acontecimento diz respeito e, por outro lado, quase que uma desconsideração pelos habitantes, que na sua maioria não são identificados nem no texto nem no grafismo da reportagem.

- Relativamente às **ações**, todas as atividades se desenrolam em torno da decisão de não abandonar a ilha: continuar a levar as vacas a ordenhar; dormir longe de casa, mas voltar de madrugada para tratar dos animais; arranjar planos de contingência, tais como soltar os animais caso se tenha de deixar a ilha, atar preventivamente uma corda ao sino que toca em caso de emergência para a população se juntar; suspender as aulas.

O comportamento de dar continuidade às tarefas que já executavam antes de se iniciar a crise sísmica, como tratar dos animais, produz um efeito de aparente tranquilidade. Até o ato de ordenhar as vacas para encaminhar o leite para a fábrica de laticínios para produção do queijo da ilha revela um esforço da população que permaneceu na ilha para fazer que tudo prossiga dentro da normalidade possível, numa tentativa de ignorar a gravidade da situação. Aliás, uma das produtoras agrícolas critica os habitantes que escolheram fugir da ilha, afirmando que “as pessoas estão a fazer um bocado de alarmismo em desistir das coisas assim”; no entanto, se parte da população preferiu retirar-se, é porque não é só a serenidade que reina no ambiente que se vive em São Jorge. O facto de se falar no risco de a indústria de laticínios suspender a atividade porque vários funcionários estão a deixar a ilha é demonstrativo de que a população partilha de opiniões antagónicas sobre a forma e seriedade com que se deve lidar com a catástrofe em questão. Por um lado, os

funcionários da fábrica preferem deixar tudo para trás, inclusive o seu emprego, a correr riscos e, por outro lado, as produtoras agrícolas decidem permanecer e contribuir com a reposição de matéria-prima na mais importante indústria da ilha, o fabrico de queijo e derivados. Julga-se que as produtoras agrícolas possam crer que se continuarem a assegurar essa reposição não faltará o básico para a sobrevivência: os bens alimentares. Porém, ao mencionarem a possibilidade de a fábrica fechar, estão já a demonstrar receio, mesmo que mínimo, de que o setor pare de funcionar e que a sua permanência deixe de ter um propósito, deixando as produtoras de conseguir persistir sozinhas.

Também outro lavrador condena os que partem, declarando: “a gente tem de estar aqui à conta de Deus e temos de estar prontos para o que der e vier”. Releva que “não pode abandonar a sua exploração assim sem mais nem menos”, o que faz parecer que por ele sentir que não reúne condições para deixar a ilha, uma vez que possui seres vivos que dele dependem, a restante população também não deveria virar costas a casa. E, ainda que refira que “estes são pequenos abalos” – como que se mentalizando a si próprio de que esta é uma justificação suficiente para ficar e para desaprovar qualquer motivo que tenha levado os seus conterrâneos a tomar uma decisão diferente –, ao exprimir que devem ficar “para o que der e vier” já antecipa um possível cenário catastrófico.

O último produtor agrícola entrevistado também permanece na ilha devido aos seus animais. Não obstante, prefere pernoitar longe de casa para escapar ao epicentro, tornando evidente a sua noção de perigo, capaz de fazer trocar o conforto de casa à segurança da distância. Ainda assim, parece não colocar em hipótese abandonar a ilha, respondendo à jornalista com um conciso “nunca na vida”. Mas, apesar da afirmação convicta, acrescenta que, se tiver de o fazer, antes solta os animais. Há aqui, portanto, uma combinação entre a vontade de ficar e a reflexão angustiante sobre o que poderá fazer caso seja preciso sair.

Tal como há quem não se sinta em segurança em casa, também há quem não o sinta na escola, preferindo, pelo contrário, ficar em casa. O próprio ato de suspender as aulas já demonstra o contexto calamitoso que se vive, porque o encerramento dos estabelecimentos é uma medida extrema só tomada quando não se reúnem as condições de segurança em situações de perigo ou de ameaça iminente. Esse confronto de pontos de vista representa a vulnerabilidade e a inquietação generalizada sentida por quem decide não abandonar a ilha. Há, no entanto, quem demonstre confiança nos planos de contingência, como o da corda atada ao sino, que deve ser tocado em caso de emergência

para todos se reunirem. A corda para puxar o sino parece ter um simbolismo de esperança: só se algo correr mal é que vai tocar e, apesar do infortúnio, a população vai reunir-se para o tentar ultrapassar junta e unida. Figura-se na corda do sino o vislumbre de um desfecho animador, uma vez que será utilizada para uma fuga atempada em caso de catástrofe.

Em contrapartida, nas ações levadas a cabo pelas autoridades regionais não se verifica essa descontração, denotando-se uma atitude apreensiva. Enquanto o presidente do CIVISA toma a decisão de não baixar o nível de alerta vulcânico, por não se verificar uma diminuição significativa da frequência sísmica, o presidente do governo regional não recomenda o regresso a São Jorge (da mesma maneira que não recomendou a saída) dos habitantes. Ou seja, sem alarmar, os especialistas demonstram preocupação e tentam passar a mensagem de que é preciso prevenir o caos que pode vir a acontecer, pelo que a população deve ponderar todos os riscos em vez de agir de ânimo leve. Deste modo, a desvalorização dos abalos e o comportamento daqueles que insistem em ficar pode ser considerado insensato e impulsivo (mas também corajoso).

- Quanto às **condições de elegibilidade**, há dois tipos de qualificações que tornam os participantes elegíveis para desempenhar um papel nesta narrativa em particular.

Por um lado, os habitantes têm toda a legitimidade para falar por serem as pessoas que estão a viver no próprio local a situação e, por isso, serem quem os telespetadores querem ouvir sobre como têm sido afetadas, como se sentem, como têm reagido, porque decidem ficar em vez de fugir. E é importante ouvir o testemunho de vários populares, porque têm diferentes posicionamentos e modos de pensar e agir. Por outro lado, de igual modo, é muito relevante ouvir as autoridades, porque as declarações avançadas pelo cidadão comum devem ser corroboradas ou contestadas por especialistas. Embora se acredite quando os jorgenses dizem que há conterrâneos que decidiram partir, o facto de o representante máximo do executivo da região afirmar que não recomendou o êxodo, que aconteceu por livre vontade das pessoas, autentica a veracidade da informação. Nesta linha de pensamento, também o presidente do CIVISA, enquanto especialista responsável pela monitorização e gestão da crise sísmica, detém as qualificações exigíveis adequadas ao contexto.

Ou seja, enquanto a população contribui com o seu testemunho sobre a vivência da prática social, as autoridades contribuem com informações fidedignas, devendo ambas ser consideradas, uma vez que os diferentes pontos de vista apresentados produzem um conhecimento mais alargado e aprofundado do contexto, o que permite adquirir uma consciência clara da experiência pela qual estas pessoas estão a passar.

- Em face do exposto, os **estilos de apresentação** adotados estão também muito relacionados com o papel que os participantes desempenham.

Os agricultores surgem com calças de ganga e camisolas largas com as mangas arregaçadas, devido ao calor que passam ao tratar dos animais, e galochas, preparadas para pisar os terrenos com erva enlameada – vestuário que remete para a praticidade e conforto de quem tem uma atividade que implica agilidade. Em oposição, os representantes de elevadas entidades regionais usam fato, a fim de manter uma imagem de seriedade para transmitir uma mensagem oficial fidedigna. Deste modo, tanto os habitantes como as autoridades apresentam-se de acordo com as suas funções: os primeiros com um vestuário mais informal e os últimos com um mais formal.

- No que se refere à **temporalidade**, a ação passa-se a 28 de março de 2022, uma semana depois do início da crise sísmica, que se prolongou ao longo de meses.

As ações são ordenadas com transições repentinas entre várias situações dentro da mesma narrativa: começa-se por focar a realidade dos lavradores que permanecem na ilha e que mantêm a sua rotina, ideia que é interrompida para apontar a continuidade do nível de alerta vulcânico, voltando-se novamente ao testemunho de outro produtor agrícola e a seguir dispersando-se para outros três casos distintos – o do sino, o da suspensão das aulas e o do governo regional, que não recomendou nem a saída da ilha nem o regresso a esta. Para evitar essa transição entre histórias, tanto se poderia ter optado por uma edição diferente daquela utilizada na montagem da peça, como a jornalista poderia ter-se concentrado apenas no ângulo de abordagem que diz respeito à vida rural e aos seus protagonistas (isto é, eliminando os assuntos que fogem a este ângulo e adicionando outros sobre o tema, como, por exemplo, através de uma deslocação à fábrica de laticínios para perceber qual o cenário encontrado – quantos funcionários partiram e quantos ficaram, qual é a rotina atual, como se está a assegurar a indústria, quais são os riscos do fecho da fábrica. Outra hipótese seria tentar ir ao encontro de alguns donos de animais que preferiram sair da ilha – saber para que ilha se deslocaram, como ponderaram a

partida, se deixaram os animais a cargo de alguém, se os levaram ou se tomaram alguma medida antes de partir, como soltar os animais ou abastecê-los com comida para várias semanas). Estas são algumas sugestões feitas a partir da análise desta única peça, podendo estas, no entanto, ter sido utilizadas em trabalhos jornalísticos difundidos posteriormente, pelo que seria profícuo proceder a uma análise comparativa de várias reportagens.

- Em relação ao **espaço**, a narrativa decorre no arquipélago dos Açores, mais concretamente na ilha de São Jorge.

As histórias são gravadas em locais específicos, que contrastam o quotidiano, a vida que continua sem alteração nas explorações agrícolas, e o despovoamento das ruas e da escola, sem o movimento e a agitação de pessoas, que habitualmente já são reduzidos, mas cuja ausência se realçou. Além destes significados, as cenas foram gravadas nesses locais porque estão relacionadas com o discurso tanto da jornalista como dos entrevistados e há uma interligação entre o que se está a ouvir e o que se está a ver, para que o público possa associar as palavras a uma imagem concreta.

- No que respeita às **substituições** dos elementos do discurso, determinados participantes são particularizados e nomeados.

A reportagem arranca precisamente com a nomeação de Leodete e Ana, duas mulheres agricultoras, o que não é uma decisão ingénuas, visto que vem quebrar estereótipos machistas: dá de imediato a entender que não são só os homens que se dedicam à pecuária, pois as mulheres são igualmente trabalhadoras e assumem uma função social e culturalmente mais relacionada com homens, e rompe com a ideia de que em situação de catástrofe são sempre as crianças e as mulheres a abandonar o local primeiro. Leodete e Ana representam, então, a resistência e a determinação das mulheres, em particular, e dos açorianos, em geral.

Outros habitantes são também nomeados, como Francisco Soares, que dorme a 20 quilómetros de casa e regressa de madrugada ao epicentro para tratar dos animais, o que gera empatia e compaixão, atendendo ao facto de que se sacrifica por aqueles seres vivos, que dele dependem. Isac, o aluno da escola das Velas, é igualmente nomeado, sendo a sua situação particularizada, uma vez que representa a realidade dos restantes alunos que estão sem aulas.

Em todos os casos, o recurso à nomeação oferece uma contextualização sobre a situação individual com detalhes pessoais, que cria uma aproximação dos espetadores às pessoas particularizadas – aquilo que Edgar Morin (citado por Mesquita, 2004, p. 128) classifica como “identificação por simpatia”, no que diz respeito à compaixão do público face às fraquezas das personagens da narrativa jornalística.

- No que toca às **repetições**, como seria de esperar, sendo esta uma reportagem sobre a vida no campo, há várias referências às vacas como motivo para não se abandonar a ilha, o que remete para a dedicação e estima que os açorianos têm pelos animais, preferindo ficar na ilha a cuidar deles a abandoná-los e partir para um lugar mais seguro.

Do mesmo modo, as palavras ilha, sismos e abandonar são também recorrentes, tendo em conta que a situação principal se baseia na decisão de abandonar a ilha ou ficar nesta, que está a ser assolada por uma crise sísmica, sendo que o recurso à repetição permite situar o espetador e recordá-lo do contexto, que se torna presente ao longo da peça.

Outra expressão peculiar mencionada por diferentes entrevistados é “à conta de Deus”, com o significado de “deixar o destino nas mãos de Deus”. Então, o primeiro participante utiliza-a para falar sobre a eventualidade de ter de sair, revelando que nesse caso soltará os animais para que fiquem à conta de Deus, isto é, para que tenham a oportunidade de sobreviver; enquanto o último a utiliza para se referir ao compromisso de dever ficar na ilha, à conta de Deus, porque o futuro já está premeditado. Há, portanto, uma fé e devoção tão grande a Deus, que os faz continuar a sua vida confiando no destino traçado, seja positivo, seja negativo.

- No que concerne à análise da **imagem**, a reportagem é encadeada por uma combinação de diferentes enquadramentos: planos gerais, planos inteiros e planos próximos – o que lhe confere dinamismo, prendendo a atenção da audiência.

Os planos gerais são sobretudo de vacas a pastar, zonas habitacionais sem movimento, ruas vazias, o estabelecimento de ensino fechado. São planos afastados e exibidos por vários segundos para que o espetador consiga primeiro apreender o conjunto de elementos e, depois, captar os pormenores que compõem o enquadramento da cena, com o propósito de dar a conhecer as circunstâncias que envolvem os acontecimentos. Já os planos inteiros mostram os agricultores nas suas atividades diárias, como ordenhar as vacas, ou levar

erva com o forçado para dar de comer aos animais. Estes são planos que retratam as pessoas na sua totalidade, captando atividades significativas para a situação.

Por fim, os planos próximos são utilizados nas entrevistas dos intervenientes, de modo a mostrar de perto as pessoas, o seu vestuário, expressões e gestos. A imagem é utilizada como “geradora de emoções, impulsionadora da dimensão do espetacular” (Coelho, 2021, p. 167). Além de detalhes sobre os entrevistados, posicionados no plano da frente, este enquadramento exhibe no plano de fundo o ambiente que os rodeia e que os representa – no caso dos produtores agrícolas, ao ar livre devido às atividades de pastoreio e, no caso dos presidentes do governo e do CIVISA, num espaço fechado, onde surgem rodeados de microfones de vários órgãos de comunicação social, devido à sua função pública de divulgar a evolução da ocorrência. Porém, importa referir que se sente falta de planos mais próximos, como planos de pormenor, que realcem objetos, como o leite ou a corda e o sino, dos quais se fala mais que uma vez, mas sem se fazerem acompanhar por um plano visual que os retrate.

- Tal como na imagem, também ao analisar o **som** se deteta um evidente contraste entre a vida no campo e o despovoamento das ruas, bem como entre as atividades do quotidiano e aquelas que estão para lá do domínio do nosso controlo.

A paisagem visual e sonora enfatiza a natureza, que é uma das características do território, sendo os Açores conhecidos pela sua beleza natural, tipicamente sem muito barulho nem agitação, o que se tornou ainda mais acentuado com a saída de grande parte dos habitantes que lá residiam, podendo o silêncio “simbolizar um sem fim de imagens: ausência, vazio, esperança, fim, início, dor, medo” (Yaguana & Pousa, 2013, citados por Oliveira, Sena Santos & van der Kellen, 2021, pp. 157-158). Como manifestam Oliveira, Sena Santos e van der Kellen (2021, p. 151), “seja pela palavra dita, pelos efeitos sonoros, pela música ou mesmo pelo aparente silêncio (que também se ouve), o som é parte do acontecimento, como é parte do discurso”.

Em vista disso, deteta-se uma oposição entre os recursos audiovisuais que remetem para o quotidiano, para a movimentação e para a vida dos que continuam na ilha – como o abrir dos portões das explorações agrícolas, o entrar e sair das vacas na máquina de ordenha com os cascos a assentar no metal, o badalar dos sinos que usam ao pescoço, o mugir das vacas e o grasnar dos patos – e os que remetem para uma esfera do incontrolável, com a insistência da câmara sobre a imagem e sons intimidantes da força

do rebentamento das ondas contra as rochas e contra a costa desprotegida, que reforça a ideia de vulnerabilidade da população perante a natureza, desenvolvendo-se um sentimento de empatia pelos açorianos por estarem sujeitos à brutalidade do mar, dos sismos e da insularidade, em geral.

Numa dimensão adicional, no que diz respeito à montagem e pós-produção da reportagem não foi introduzida música, nem grafismos, sendo de salientar que também não foi acrescentada legendagem a acompanhar o discurso dos açorianos – uma realidade que poderia ser diferente caso a crise sísmica tivesse ocorrido nas ilhas de São Miguel ou da Terceira, uma vez que são aquelas cujos residentes têm um sotaque mais carregado e, por isso, menos perceptível para a generalidade da audiência nacional (sobretudo composta por população de Portugal continental).

Conclusão

Se os *media*, como revela Mário Mesquita (2004, p. 114 e 212), não se limitam a reproduzir a realidade, mas a representá-la, produzindo efeitos sobre essa mesma “realidade”, havendo uma intenção e uma intervenção subjetiva do jornalista “através da formulação de juízos de valor que se manifestam, desde logo, na seleção dos acontecimentos destinados a constituir notícia” (Mesquita, 2004, p. 214) até à reconstrução e explicação dos acontecimentos, considera-se então pertinente a investigação de qual o sentido produzido por uma multimodalidade de modos semióticos utilizados numa reportagem específica e de como este é construído.

Desta forma, para o presente exercício investigativo, recorreu-se à semiótica social, adotando a postura sugerida por Van Leeuwen (2005, prefácio) de “abrir os nossos olhos e ouvidos para a riqueza e complexidade da produção e interpretação semiótica”. Ao fazê-lo, de facto, constata-se, como já antecipava o linguista, que a sociosemiótica não oferece respostas definitivas, mas sim “ideias para formular perguntas e formas de procurar respostas” (Van Leeuwen, 2005, p. 2), e foi nesse sentido que fomos incentivados a questionar, testar e pensar como os recursos semióticos são usados no contexto desta situação específica, de forma a chegarmos às nossas próprias conclusões.

Com esta investigação procurou-se, portanto, entender como as representações são produzidas e qual o seu significado potencial na paisagem comunicativa (Jewitt & Henriksen, 2016, p. 146), uma vez que, como Mário Mesquita (2004, p. 212) assume,

“não é possível aos jornalistas «objetivar» a realidade, conseguindo apenas «representá-la»”.

Assim, a semiótica social, enquanto forma de investigação que se propõe estudar os modos de comunicação que as pessoas desenvolvem para representar uma compreensão do mundo (Van Leeuwen, 2005; Jewitt & Henriksen, 2016), permitiu-nos interpretar como os participantes desta prática social fazem uso dos recursos semióticos para produzir a reportagem sobre a crise sismovulcânica, constituindo também esta interpretação uma forma de produção semiótica.

De um modo geral, conclui-se que, uma vez mais, os Açores são noticiados em situação de crise, suscitando o acontecimento excecional a atenção dos *media*, de acordo com critérios de seleção editorial (Mesquita, 2004, p. 29) – em função dos valores-notícia de negatividade e de magnitude –, o que torna ainda mais visível a vulnerabilidade da comunidade, que fica à mercê de desastres naturais, como uma crise sismovulcânica. A análise da forma como os diferentes modos semióticos são utilizados para representar os açorianos resulta num conjunto de considerações, sobretudo no que respeita à relação entre os efeitos produzidos pelo texto, som e imagem. Em síntese, a população é representada ora como resiliente e corajosa, por decidir permanecer numa ilha assolada por sismos constantes e com alerta para potencial erupção vulcânica, prosseguindo com as suas tarefas diárias (ainda que com receio e inquietação), ora como imprudente, devido à gravidade da situação e à preocupação demonstrada pelas autoridades.

Considera-se que é dada voz a uma diversidade de habitantes, mas também a entidades regionais, complementando-se os relatos. Este trabalho de “criação” das personagens jornalísticas, que lhes “dá unidade, coerência interna e forma final”, acentua, de acordo com Mário Mesquita (2004, p. 140), a responsabilidade da jornalista. No entanto, enquanto as entidades merecem identificação, o mesmo não acontece com todos os habitantes, de quem, nalguns casos, não se sabe o nome ou a função. Há, ainda assim, momentos em que é concedido destaque aos agricultores, nomeadamente quando se faz uso da nomeação e da particularização, sendo apresentados detalhes sobre as suas vidas, com o intuito de gerar uma aproximação ao telespetador. O exemplo da particularização das agricultoras resulta na demonstração de como as mulheres são tão trabalhadoras e resistentes quanto os homens. Já as repetições evidenciam a devoção dos açorianos aos seus animais e a Deus.

Da paisagem visual e sonora sobressai a natureza característica do território com imagens e sons que remetem, por um lado, para o quotidiano, como as rotinas relativas aos animais, onde o movimento e a vida dos que permanecem continua, em contraste com algo que foge ao domínio do nosso controlo, como o vazio e o silêncio que inundam as ruas e zonas habitacionais despovoadas por aqueles que decidiram abandonar a ilha e a brutalidade da rebentação das ondas contra a costa desprotegida, reforçando a noção de vulnerabilidade da população dos Açores, pela sua condição de insularidade.

Para investigações futuras sugere-se comparar esta a outras peças da RTP sobre esta temática (e, possivelmente, numa fase posterior com outros canais), de forma a retirar conclusões complementares mais aprofundadas sobre a construção mediática e a representação dos açorianos nos *media*, uma vez que pode ser redutor proceder-se à análise da forma como estes são representados com base apenas numa peça jornalística sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- Aumont, J. (2009). *A imagem*. Texto & Grafia.
- Aumont, J., & Marie, M. (2009). *Dicionário teórico e crítico do cinema*. Texto & Grafia.
- Bignell, J. (1997). *Media semiotics: an introduction*. Manchester University Press.
- Coelho, P. (2021). A imagem – elemento âncora da reportagem. In P. Coelho, A. I. Reis & L. Bonixe (Org.), *Manual de Reportagem* (pp. 163-184). Editora LabCom. https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20210115945-202009_manualreportagem_pcoelhoireislbonixe.pdf.
- Galtung, J. & Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four norwegian newspapers. *Journal of Peace Research*, 2(1), 64-90. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002234336500200104>.
- Ganz, P. (1995). *A reportagem em rádio e televisão*. Editorial Inquérito.
- Gardies, R. (Org.). (2008). *Compreender o cinema e as imagens*. Texto & Grafia.
- Golding, P. & Elliott, P. (1996). News values and news production. In P. Marris & S. Thornham (Eds.), *Media Studies: a reader* (pp. 632-644). Edinburgh University Press.
- Hall, S., Chritcher, C., Jefferson, T., Clarke, J. & Roberts, B. (1993). A produção social das notícias: o *mugging* nos *media*. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"* (pp. 224-248). Veja.
- Harcup, T. & O'Neill, D. (2017). What is news? News values revisited (again). *Journalism Studies*, 18(12), 1470-1488. <http://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>.
- Jespers, J. J. (1998). *Jornalismo televisivo: princípio e métodos*. Minerva editora.
- Jewitt, C. & Henriksen, B. (2016). Social semiotic multimodality. In N. Klug & H. Stöckl (Eds.), *Handbook of language in multimodal contexts* (pp. 145-164). De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110296099>.
- Kress, G. (2011). Multimodal discourse analysis. In J. Gee & M. Handford, *The Routledge Handbook of discourse analysis* (pp. 35-50). Routledge. <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9780203809068.ch3>.
- Mesquita, M. (2004). *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea* (2.^a ed.). Minerva Coimbra.
- Oliveira, J. N. (2007). *Manual de jornalismo de televisão*. Cenjor.
- Oliveira, M., Sena Santos, F. & van der Kellen, M. (2021). O som – elemento âncora da reportagem. In P. Coelho, A. I. Reis & L. Bonixe (Org.), *Manual de Reportagem* (pp. 147-161). Editora LabCom. https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20210115945-202009_manualreportagem_pcoelhoireislbonixe.pdf.
- RTP. (2015). Contrato de concessão do serviço público de rádio e de televisão. <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf>.
- Traquina, N. (2000). *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Minerva.
- Traquina, N. (2002). *O que é jornalismo*. Quimera.
- Van Leeuwen, T. (2005). *Introducing social semiotics*. Routledge.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da comunicação*. Editorial Presença.

